

CARTA¹

Fortaleza, 04 de maio de 2021.

Queridas professoras Adriana e Carmelita,

Espero que estejam bem e com saúde em meio à essa pandemia, agravada em suas complicações pelo nefasto Sem Partido.

Escrevo-lhes para falar de um sonho que tive com vocês ministrando uma oficina sobre Avaliação na área da educação, mais especificamente no Ensino de Filosofia.

E aqui vou na contramão, pois carta e sonho são coisas pouco usuais e mal vistas na Academia, lugar da supremacia de certo tipo de racionalidade e forma de escrita. Porém, apesar dos loteamentos acadêmicos, esta carta se justifica pelo inusitado do conteúdo do sonho que passo a relatar.

Estávamos na Universidade, uma espécie de prisão do pensamento, denominada Sistema Prisional de Pensamentos Rebeldes (SPPR), na qual disciplinava-se o corpo desde a infância, já no ensino das primeiras letras e dos primeiros números, e, também, os primeiros sonhos, para que, futuramente, todo pensamento fosse domado. A toda hora e em todo lugar, a cada gesto, leitura ou pensamento, éramos levados a repetir o lema “corpo disciplinado, pensamento domado”.

Na SPPR foi desenvolvido um aparato legislativo na busca de aperfeiçoar mais ainda a tarefa de domar o pensamento, já que o corpo estava bem encaminhado no seu disciplinamento diário desde a educação infantil. O tratamento dispensado ao ensino de Filosofia chamou minha atenção, pois essa matéria não questionava o senso comum, a naturalização de certas ideias, nem era exercida de forma dialógica e, na escrita, os alunos eram orientados a evitar a poesia e o poético.

Os três principais dispositivos de poder na SPPR para o controle do pensamento, que transformaram o sonho em pesadelo, eram: LERTC – Leituras Exegéticas e Repetidoras de Textos Clássicos; ABNT – Associação Bestificante e Novas Técnicas;

¹Carta escrita por Cristiane Marinho para avaliar sua experiência como participante da Oficina *online* ofertada pela profª Adriana Delbó: *Tramas entre filosofia e avaliação*, no 1º semestre de 2021. A atividade compôs o plano de ensino da disciplina “Laboratório de Produção Filosófica”, ministrada pelas profªs Adriana Delbó e Carmelita Brito de Freitas Felício. Essa disciplina faz parte das atividades extracurriculares desenvolvidas pelo *Kalós* - Laboratório do Curso de Licenciatura em Filosofia, visando a integração entre ensino, pesquisa e extensão.

CUA – Central Única de Avaliação. Tais dispositivos compunham uma espécie de encarceramento da liberdade de pensar, do pensamento, e se encaixavam e se complementavam perfeitamente. No momento inicial o aluno aprendia a ler pelo método de destrinchar a ordem das razões, como diria Descartes, procurando saber o que o filósofo disse, sem questionar nada, destituindo completamente da compreensão deste filósofo as suas raízes históricas. O que se constatava na Prisão do Pensamento, por intermédio do LERTC, era, normalmente, um endeusamento acrítico da filosofia e uma apropriação pessoal daquela forma de pensar. O aluno se transformava naquela filosofia, como se não fosse mais capaz de exercitar o seu próprio pensamento, não fosse capaz de colocar o pensamento em movimento, anestesiando, então, sua própria leitura da realidade. Ao invés de movimentar o pensamento, fazia pensamento de pedra.

Por sua vez, a ABNT formava uma perfeita engrenagem com o modo de aprender imposto pela LERTC. Aprisionava-se o pensamento enquadrando-o a pensar somente sob a perspectiva de outro pensador canônico e, assim formatado, o pensamento era elevado num nível mais alto de contrição por intermédio de técnicas de escrita que imobilizavam, ainda mais, o ato de pensar e o pensamento. Eram muitas regras para um tão pequeno pensamento imobilizado: um artigo tinha que ter x páginas; cada página tinha que ter y parágrafos; cada parágrafo w linhas; cada linha g caracteres; e, pasmem, havia até a cobrança de que deveria ser caracteres com espaço ou sem espaço!!!!

Por fim, para arrematar esse mecanismo extremamente encadeado, existia a CUA, uma espécie de coroamento da caminhada que o pensamento vinha fazendo rumo ao polimento da sua bestificação bem ordenada e repetidora de ideias alheias. Ou seja, para dar prosseguimento a esse processo, era necessária uma avaliação que constataste se os estreitamentos e adestramentos sobre o pensamento foram, de fato, realizados. Portanto, o exigido em uma avaliação era, precisamente, o que se queria da conformação do pensamento. A avaliação servia para provar que o pensamento se tornou espelho dos cânones, apresentando uma imagem toda certinha e regrada. Por isso, o nome era Central Única de Avaliação, na qual não se concebia outra forma avaliativa e, muito menos, outros critérios, pois aí se fechava o ciclo que sustentava o funcionamento da Sistema Prisional de Pensamentos Rebeldes. Ciclo esse que se reiniciava a cada novo aluno, indefinidamente.

Caras professoras, me despeço lembrando que no SPPR também eram proibidos as cartas e os sonhos com sua poesia, já que eram muito valorizadas as hierarquias entre

os saberes racionalistas tidos como canônicos e as avaliações que somente avalizavam o processo de estreitamento e petrificação do pensamento.

A parte boa do sonho foi que a oficina que vocês ministravam era clandestina e secreta, era uma atividade de oposição à SPPR e que, secretamente, lutava e ensinava a lutar contra aqueles dispositivos de poder, problematizando-os de forma muito próxima ao que Deleuze dizia sobre aprendizagem no livro *Diferença e repetição*. Para esse filósofo a aprendizagem é uma intermediação entre saber e não-saber e se distancia do universo educacional do pensamento da representação.

Lembro bem que foi tomado como exemplo o ensino da natação, no qual Deleuze averigua que sua aprendizagem só se realiza pela apropriação prática dos signos da onda que, na verdade, nem são ensinados pelo professor e nem são repetidos pelo aprendiz nadador. O aprendizado seria uma coisa “entre”, um fora do aprender, um dentro do ensinar. Um assassinato do que foi ensinado, um nascimento amoroso do que não foi ensinado:

O movimento do nadador não se assemelha ao movimento da onda; e, precisamente, os movimentos do professor de natação, movimentos que reproduzimos na areia, nada são em relação aos movimentos da onda, movimentos que só aprendemos a prever quando os apreendemos praticamente como signos. Eis porque é tão difícil dizer como alguém aprende: há uma familiaridade prática, inata ou adquirida, com os signos, que faz de toda educação alguma coisa amorosa, mas também mortal (Deleuze, 1988, p. 54).

É por isso que, para Deleuze, aprender não é mimetizar de forma harmônica e ordeira, mas se apropriar de signos de coisas que nos interessem, pois somos movidos pelo interesse, pelo interessante, pelo notável e que nos mobiliza a ação. A aprendizagem é uma violência que nos tira da tranquilidade em que nos encontrávamos quando desconhecíamos aqueles signos que passam a nos interessar. Na aprendizagem, a diferença ocorre, então, quando repetimos de forma nova os signos que nos chegam. Na aprendizagem, portanto, há morte na medida em que não repetimos o Mesmo e sim o Outro, o dessemelhante, o Diferente. Dessa forma, também no aprender, os signos significam a repetição como movimento real, em oposição à representação, entendida como falso movimento do abstrato:

Nada aprendemos com aquele que nos diz: faça como eu. Nossos únicos mestres são aqueles que nos dizem ‘faça comigo’ e que, em vez de nos propor gestos a serem reproduzidos, sabem emitir signos a serem desenvolvidos no heterogêneo. Em outros termos, não há ideo-motricidade, mas somente sensório-motricidade. Quando o corpo conjuga seus pontos relevantes com os da onda, ele estabelece o princípio de uma repetição, que não é a do Mesmo, mas que compreende o Outro, que compreende a diferença e que, de uma onda

e de um gesto a outro, transporta esta diferença pelo espaço repetitivo assim constituído. Aprender é constituir este espaço do encontro com signos, espaço em que os pontos relevantes se retomam uns nos outros e em que a repetição se forma ao mesmo tempo em que se disfarça. Há sempre imagens de morte na aprendizagem, graças à heterogeneidade que ela desenvolve, aos limites do espaço que ela cria. Perdido no longínquo, o signo é mortal; e também o é quando nos atinge diretamente (Deleuze, 1988, pp. 54-55).

Em outra passagem, Deleuze se refere à educação dos sentidos pensando no significado do aprender. Dessa forma, a educação dos sentidos acontece quando “o aprendiz [...] eleva cada faculdade ao exercício transcendente. Ele procura fazer com que nasça na sensibilidade esta segunda potência que apreende o que só pode ser sentido” (Deleuze, 1988, p. 270). Essa comunicação, de uma faculdade à outra, é feita de forma violenta, mas compreendendo sempre o Outro de cada uma dessas faculdades. Contudo, aprender é um acontecimento que carrega mistérios:

A partir de que signos da sensibilidade, por meio de que tesouros da memória, sob torções determinadas pelas singularidades de que a Ideia será o pensamento suscitado? Nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender – que amores tornam alguém bom em latim, por meio de que encontros se é filósofo, em que dicionários se aprende a pensar. Os limites das faculdades se encaixam uns nos outros sob a forma quebrada daquilo que traz e transmite a diferença (Deleuze, 1988, p. 270).

Da mesma forma que nunca se sabe quando alguém vai aprender, Deleuze também afirma que “não há método para encontrar tesouros nem para aprender” (1988, p. 270). René Schérer, em artigo intitulado *Aprender com Deleuze*, ao se referir à mesma frase, faz dela uma tradução extremamente poética e legítima: “A aprendizagem segue a via dos encontros e dos amores e não dos métodos de uma pedagogia sempre impotente, ultrapassada das paixões” (Schérer, 2005, p. 1191).

Contudo, baseado em Nietzsche, a mesma frase deleuzeana é complementada com a possibilidade do paradoxo do aprender, pois este pode se tornar um violento adestramento, uma cultura ou *Paideia* que percorre o indivíduo e adentra o espírito. Assim, “a cultura é o movimento de aprender, a aventura do involuntário, encadeando uma sensibilidade, uma memória, DEPOIS UM PENSAMENTO, com todas as violências e crueldades necessárias” (Deleuze, s/d, p. 270).

Para Deleuze, há o reconhecimento frequente da importância e da dignidade de aprender, mas é como reconhecimento às condições empíricas do Saber e às condições cognoscitivas da representação e à ascensão ao transcendental. Diversamente,

Aprender vem a ser tão-somente o intermediário entre não-saber e saber, a passagem viva de um ao outro. Pode-se dizer que aprender, afinal de contas,

é uma tarefa infinita, mas esta não deixa de ser rejeitada para o lado das circunstâncias e da aquisição, posta para fora da essência supostamente simples do saber inatismo, elemento *a priori* ou mesmo Ideia reguladora. E finalmente, a aprendizagem está, antes de mais nada, do lado do rato no labirinto, ao passo que o filósofo fora da caverna considera somente o resultado – o saber – para dele extrair os princípios transcendentais (Deleuze, 1988, p. 271).

Em todos esses sentidos deleuzeanos, uma avaliação não pode ser outra coisa que desaprender os caminhos de uma aprendizagem que queira aprisionar o pensamento.

Forte abraço,
Cristiane Marinho